

## **Ajuste de foco e indícios de escalas: sentidos da narrativa do livro didático regional por seus aspectos gráficos e estruturais<sup>1</sup>**

Rosiane Ribeiro Bechler<sup>2</sup>

**Resumo:** Os livros didáticos de História Regional vêm recebendo especial atenção dada sua tradicional presença no currículo dos anos iniciais e sua vinculação à agendas sociais de reconhecimento e conhecimento das diversidades identitárias e históricas desse país continente. Como mercadoria, estas obras demandam especial atenção sobre seus aspectos gráficos e estruturais, revelando como interferências e proposições advindas da área do design contribuem na elaboração de conformações visuais dotadas de significativo potencial informativo e reflexivo na composição do texto didático. Diferentes profissionais atuam sobre determinadas escalas na composição visual dos livros didáticos, que, postas em jogo, visam atender às finalidades didáticas e comerciais a que se destinam essas mercadorias. Dessa maneira, suas capas e sumários oferecem indícios importantes sobre os sentidos da narrativa por eles elaborada, orientando também sentidos de leitura desejados para a construção do conhecimento histórico escolar que aborde o contexto regional num movimento relacional com a História do Brasil. A compreensão dos aspectos gráficos e da estruturação dos livros como meio semióticos de construção de sentido podem indicar assim caminhos alternativos para leitura dos livros didáticos e compreensão de sua narrativa histórica.

**Palavras-chave:** Livro Didático, História Regional, Jogos de Escalas, Design Pedagógico.

### ***Os Livros Regionais no contexto do PNLD***

Os livros didáticos de História Regional são obras elaboradas para o 4º. e 5º. ano do Ensino Fundamental e avaliados no contexto do Programa Nacional do Livro Didático – Séries Iniciais<sup>3</sup>. Portanto, também estão submetidos aos Editais elaborados para convocação do PNLD, que influenciam tanto a elaboração dos materiais didáticos inscritos no programa, quanto a avaliação dos mesmos. No Edital são publicadas orientações sobre os aspectos gráficos dos livros didáticos (como dimensões e quantidade de páginas) e também sobre as formas de abordagem desejáveis às diferentes disciplinas escolares. Esse documento configura-se assim como um catalisador das orientações e critérios para elaboração dos livros didáticos<sup>4</sup>, que são por excelência o currículo de maior acesso ao universo escolar.

---

<sup>1</sup> As reflexões aqui apresentadas são parte da minha dissertação de Mestrado, orientada pela Profa. Dra. Júnia Sales Pereira e defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação “Conhecimento e Inclusão Social” da Faculdade de Educação da UFMG.

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação, Linha História e Historiografia da Educação, Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina. Orientadora: Profa. Dra. Cristiani Bereta da Silva. Email: [rosiribeirobechler@gmail.com](mailto:rosiribeirobechler@gmail.com)

<sup>3</sup> O Programa Nacional do Livro Didático foi criado em 1985, mas é a partir de 1997 que assume contornos mais próximos do atual, configurando-se como programa de avaliação, compra e distribuição de livros didáticos e literários para diversos segmentos e modalidades de Educação.

<sup>4</sup> Refiro-me aqui às orientações e leis como a 11.645/08 referente ao ensino de História Indígena e Afrobrasileira, os Parâmetros Curriculares Nacionais, às agendas sociais, aos sujeitos implícitos sob as siglas da

Apesar da tradicionalidade dos livros regionais como materiais didáticos utilizados nos anos iniciais da educação (BITTENCOURT, 2011), enquanto categoria diferenciada no contexto do PNLD eles só aparecem em 2004 (BEZERRA; LUCA in SPOSITO), programa no qual também não são mais aceitos os livros de Estudos Sociais. Já a partir de 2007 as obras de História e Geografia passam a ser elaboradas e avaliadas por coleções separadas, enquanto os livros regionais são inscritos como volume único, voltados para o 4º. Ano do 2º. Ciclo ou do 5º. Ano do 3º. Ciclo, assim permanecendo nos Editais de 2010 e 2013<sup>5</sup>.

A análise das orientações para elaboração dos livros regionais em cinco Editais demonstram como estas foram se consolidando no decorrer destes dez (10) anos de avaliação – 2004 a 2014<sup>6</sup>, indicando uma preocupação crescente por parte dos gestores desse processo – incluindo professores de história que coordenam o programa – em definir os contornos do que deve ser considerado regional e a forma de abordagem deste nos livros didáticos.

Nesse sentido, merece destaque o movimento observado por parte dos autores do Edital PNLD 2010, revelando um esforço em definir com maior clareza a abordagem desejada por parte dos livros regionais. Pela primeira vez, no contexto das orientações às coleções didáticas de História, o Edital dedica espaço particular às obras regionais de História, esclarecendo que

Os livros denominados regionais são impressos que registram a experiência de **grupos que se identificam por fronteiras espaciais e socioculturais**, seja na **dimensão de uma cidade, um estado ou uma região do Brasil** e que são utilizados em situação didática no ensino de história. A produção de tais livros deve respeitar os mesmos critérios acima relacionados e também, **não podem, em nenhuma hipótese, incorrer nos seguintes equívocos:**

- **Deixar de explicitar os conceitos de local e/ou região empregados na obra;**
- **Interpretar a realidade regional de forma estereotipada, classificando identidades locais como superiores ou inferiores,** veiculando regionalismos xenófobos e estimulando o conflito entre formações sociais que tiveram trajetórias marcadamente diferenciadas;
- **Abordar a experiência regional isoladamente,** sem levar em conta as suas inter-relações com processos históricos em macro-escala, na longa duração, ocorridos para além das fronteiras regionais;

---

SEB (Secretaria de Educação Básica) e do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), que concorrem na elaboração dos critérios veiculados pelos editais do PNLD.

<sup>5</sup> O Edital 2016, publicado em 2014, já reflete novas preocupações, problematizando os contornos da obra regional, muito em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica. Nesse contexto os livros regionais deverão atender as disciplinas de história e geografia em um só volume, considerando ainda os aspectos culturais do espaço eleito.

<sup>6</sup> Na verdade, se quisermos ser mais precisos, chegaremos aos 12 anos, pois o Edital é lançado dois anos antes do Guia do PNLD. Portanto, o Edital de convocação de obras para o PNLD 2004 foi publicado em 2002.

- **Abordar a experiência local, apenas, como repetição** abreviada de processos históricos em macro-escala, ocorridos para além das fronteiras regionais.
- **Abordar a experiência local, apenas, em seus traços pitorescos e anedóticos**, assemelhando o livro didático a um roteiro para visita turística  
(BRASIL, 2008, pág.41, Grifos nossos)

Este Edital, cujas orientações são repetidas pelos Editais 2013 e 2016, traz elementos que indicam as expectativas postas para os livros regionais de História, apresentado uma nova *vulgata* (CHERVEL, 1990) para esse saber histórico escolar. Há um esforço em definir a perspectiva teórico e metodológica da abordagem regional para os autores e editores em primeira instância, o que aqui nos interessa de maneira particular. Coloca-se como centralidade do trabalho com escalas regionais “estabelecer relações entre o particular e o geral, o próximo e o distante, a experiência local e a experiência nacional global” (BRASIL, 2007, p.41)

Nessa perspectiva, o livro regional tem por finalidade mediar a aprendizagem histórica em um *jogo de escalas* (REVEL, 1998), que compreenda como os espaços sócio-históricos e culturais em suas diferentes dimensões se relacionam, constituindo assim de maneira complexa a trama histórica regional. Este desafio demanda de autores/editoras a seleção e organização de temas que potencializem esse jogo, no sentido de registrar as especificidades da *região* sem, contudo, perder de vistas as relações em escala que ela estabelece internamente e externamente. E uma das vias que oferecem indícios para compreensão desse *jogo de escalas* empreendido pelos autores das obras didáticos, são os aspectos gráficos e estruturais dos livros didáticos, em outras palavras, seu *design educacional*.

### ***Fronteiras do Regional nos livros didáticos***

Os Editais não estabelecem qual espaço deve ser considerado como regional. A demarcação do que se estabelece como regional em cada obra a ser inscrita no PNLD vincula-se a eleição de fronteiras e a relações entre os limites e expansões que se estabelecem a partir de delimitações que se constituem, no limite, através de *barreiras simbólicas* que demandam

[...] toda uma produção discursiva, a elaboração de toda uma mitologia, a criação de um dado imaginário, a elaboração de uma dada memória e a escritura de uma dada história que vai tornando essa região visível e crível”. (ALBUQUERQUE JR., 2007, p.32-33)

A centralidade da discussão proposta por Durval Albuquerque Jr. é a construção da imagem do Nordeste em contraposição às demais regiões brasileiras, problematizando as

consequências sócio-históricas e econômicas dessa consciência regional para os nordestinos. Já em relação aos livros didáticos regionais esse termo vem sendo comumente associado às fronteiras político-administrativas dos estados da Federação brasileira, conquanto haja abertura para que seja problematizado por outros prismas.

As demarcações político-administrativas, preponderantes em livros didáticos de história regional, expressam opções hegemônicas instituídas na tradição didática brasileira, em conformidade também com orientações sugeridas nos Editais e em práticas docentes da área. Contudo, há que se considerar as maneiras como o regional se expressa nos livros didáticos, perscrutando os contornos do regional a partir de uma análise que leve em conta os movimentos simbólicos, culturais, identitários e sociais, que, ao lado dos contornos políticos, delineiam formas interpretativas e descritivas de sua composição.

Nesse sentido, referencial teórico dos *jogos de escalas* proposto pelo historiador francês Jacques Revel (1998) configura-se como importante *lente de leitura*, a partir da qual é possível ajustar focos investigativos sobre os livros didáticos, e em especial, os livros regionais, buscando visualizar as diferentes *escalas* que, em *jogo*, compõe os sentidos da narrativa histórica por eles mediadas.

A noção de escalas é originária da Geografia e foi apropriada por Revel (1998) como fundamentação teórica e metodológica das pesquisas em *Micro-análise*. Conforme o historiador

[...] a escolha de uma escala particular de observação produz **efeitos de conhecimento**, e pode ser posta a serviço de **estratégias de conhecimentos**. Variar a objetiva não significa apenas aumentar (ou diminuir) o tamanho do objeto no visor, significa modificar sua forma e sua trama [...]. Notemos desde já que a dimensão do “micro” não goza, nesse sentido, de nenhum privilégio especial. É o **princípio da variação** que conta, não a escolha de uma escala em particular. (REVEL in REVEL, 1998, p.20. Grifos nossos)

No caso dos livros regionais o *foco* sobre o qual se constitui a narrativa histórica eleita pelos autores/editoras é o estado. Nesse sentido, esta unidade federativa constitui-se o eixo em torno do qual se ajusta a narrativa histórica mediada pelo livro didático, possibilitando uma *variação de escalas* que, privilegiando a dimensão regional, considera também as relações que esta estabelece internamente e com outros contextos, em especial com o recorte nacional. Mas as *variações de escalas* não se referem apenas às dimensões espaciais ou político-administrativas. Elas dizem também de perspectivas de abordagem para determinados assuntos, acontecimentos, temas, colocando em evidência determinadas nuances conforme as escolhas que orientam a construção do conhecimento histórico escolar nos livros didáticos.

Indicam, assim, os sentidos da narrativa histórica, num movimento que, encadeado, cadenciado, ou fluido, leva a *efeitos de conhecimentos* particulares conforme as *variações* empreendidas, gerando, evidentemente, também efeitos de silenciamento. Pois todo efeito de sentido é também acompanhado de efeitos de silenciamento.

Nesse *jogo de escalas*, temas tradicionais podem ser revisitados e novos temas podem emergir, num exercício de elaboração de uma história regional que compreenda tanto as relações que constituem o estado de maneira peculiar, quanto aquelas que o vinculem de maneira mais direta à história no país, em dimensões que são múltiplas e também simbólicas.

E é esse *movimento relacional*, que implica no *ajuste de foco*, na *variação de escalas* e no *jogo* entre elas, que constitui a narrativa histórica dos livros didáticos regionais que nos interessa aqui. Como podemos percebê-lo? Quais os indícios que apontam para ele? Quais focos e escalas privilegiadas nesse movimento? E no limite, quais os diferentes sentidos encadeados pelos diferentes ajustes de foco orientados também pelo design gráfico do livros didáticos?

Porque, como aponta Paul Ricoeur (2007),

“A idéia chave ligada à idéia de variação de escala é que não são os mesmos encadeamentos que são visíveis quando mudamos de escala. (...) Ao mudar de escala, não vemos as mesmas coisas, maiores ou menores, em caracteres grandes ou pequenos (...). Vemos coisas diferentes”. (RICOEUR, 2007:221-222).

Por isso a aposta que na *variação de escalas* na análise dos livros didáticos, compreendendo como as múltiplas dimensões que o constituem em sua materialidade são colocadas em jogo, pode *permitir ver* outras nuances desse objeto multifacetado. Especialmente em um contexto no qual o termo *design* vem sendo cada vez mais acompanhado de adjetivos como *educacional*, *instrucional*, *pedagógico*.

### ***Ajuste de foco e indícios de escalas: o livro didático em seus aspectos gráficos e estruturais***

Como mercadoria, o livro didático demanda especial atenção com relação aos aspectos gráficos que o compõem, revelando como interferências e proposições advindas da área do design pedagógico contribuem, em especial a partir das últimas décadas, na elaboração de conformações visuais dotadas de significativo potencial informativo e reflexivo na composição da obra didática.

A preocupação com o design de livros no Brasil, segundo estudo de Rafael Cardoso, data de fins da década de 1910 e início da década de 1920, antecedendo em alguns anos as proposições artísticas advindas com o Modernismo. Esse pioneirismo é parte de um contexto

de transformações na indústria gráfica nacional, no qual editoras brasileiras passaram a assumir cada vez maiores parcelas de um mercado, no qual até então prevaleciam importações. A ampliação do mercado consumidor de obras literárias demandou nesse sentido um maior investimento nas capas e ilustrações, com vistas a suprir a diminuição da qualidade do material de impressão utilizado nessas novas mercadorias.

No entanto, irá demorar algumas décadas até que esse pioneirismo do design gráfico sobre as capas de livros – e outros de seus elementos – passe a atuar também sobre os livros didáticos. Conforme aponta Didier de Moraes em sua dissertação de mestrado sobre o design de livros didáticos no Brasil entre as décadas de 1970 e 1980, os livros escolares, apesar de já ocuparem lugar privilegiado no tocante aos rendimentos das editoras, pelo menos desde o início do século XX, não vão contar com “o mesmo investimento em visualidade encontrado em livros de literatura” (MORAES, 2010, p. 42). Conforme as análises do autor, os livros didáticos não demandavam à época maiores esforços em sua propaganda e comercialização, uma vez que sua natureza e finalidades específicas já lhe garantiriam saída e rentabilidade.

Independentemente da mencionada qualidade que poderia ter um didático, sua dupla condição de livro com pouco *status* intelectual mas de venda garantida parece pesar. Para ele se reserva primordialmente a sobriedade da transmissão de conteúdos curriculares e a consideração de que seu público não pediria mais do que isso. Pás as vendas, se contava com a autoridade intelectual do autor e a seriedade de seu texto, dispensando investimento em capas como atrativo. (MORAES, 2010, p. 43)

No entanto, algumas décadas mais tarde esse panorama se alterará com a expansão da educação pública na década de 1970 e o conseqüente aumento do mercado de livros escolares, associado ao fato de ter o Estado assumido em larga escala a aquisição de obras para distribuição às escolas públicas do país. Esse crescimento da indústria editorial didática, no Brasil, desenrola-se num contexto de transformações da própria indústria cultural, com a visível elaboração de discursos voltados em especial para o público infanto-juvenil.

É nesse novo contexto de crescimento da indústria cultural, com mensagens e imagens dirigidas às crianças e aos jovens que se dá o crescimento da população escolar e dos instrumentos de ensino, principalmente o livro escolar. Crianças e adolescentes de quase todo o país viam televisão com seus programas e publicidade, consumiam gibis e outras revistas, além de objetos produzidos especialmente para suas idades, e... livros didáticos. (MORAES, 2010, p. 56)

Essa dimensão do livro escolar como objeto de consumo e produto da indústria cultural foi motivo de críticas em especial no decorrer das décadas de 1980 e 1990. No entanto, no fim do século XX e início desse século XXI, pesquisas sobre o livro didático têm

se detido na importância dessas particularidades que fazem do livro uma mercadoria peculiar, para compreender inclusive como as demandas externas interferem em sua conformação visual enquanto mediador do saber escolar. Nesse sentido, reconhece-se que a elaboração de livros didáticos

(...) envolve uma miríade de pessoas que o realizam como mercadoria: autor, editor, chefe de arte, copidesque, preparador de texto, revisor, diagramador, as várias categorias profissionais de gráficos, divulgador, avaliador, diretor de escola, professor, aluno e pais, só para mencionar as mais óbvias. A produção do livro didático serve certamente para a acumulação do capital, mas onde há p capital, há também o trabalho, os trabalhadores e suas práticas. A mercadoria é a síntese, a cristalização de relações sociais entre os seres humanos, mediados por coisas (...) (MUNAKATA, 2012, p.64)

Esses diferentes profissionais atuam sobre determinadas escalas na composição visual dos livros didáticos, que, postas em *jogo*, visam atender às finalidades didáticas e comerciais a serem atendidas por essas mercadorias. Por isso, acreditamos na potencialidade do ajuste de foco de leitura e análise sobre os projetos gráficos dos livros didáticos regionais, compreendendo este não apenas como

[...] a aplicação aleatória de elementos artísticos como a ilustração, mas sobretudo uma tentativa sistemática de diferenciar o livro como produto industrial, agregando-lhe um grau de programação visual capaz de enriquecê-los como objeto de comunicação não verbal. (CARDOSO in CARDOSO, Rafael. 2005, p. 193)

Foi nessa perspectiva de busca pela compreensão dos aspectos gráficos e da estruturação dos livros como meio semióticos de construção de sentido que analisei na pesquisa de mestrado as capas, apresentações, sumários e texto de três livros didáticos de História Regional sobre Minas Gerais: *História de Minas Gerais, Contos e Encantos Mineiros, Minas Gerais – História*. Neste artigo irei me deter em parte das análises sobre os sumários de dois destes livros, no intuito de demonstrar como empreendi essa leitura *em escalas* para perceber como a definição do regional passa também pela composição visual e gráfica dos livros. A elaboração desses livros é aqui compreendida em uma perspectiva multiautoral, ou seja, como um processo compartilhado especialmente entre autores, editores, designers e ilustradores (PALHARES, 2012).

Por certo, entendemos que a leitura, manuseio e utilização dos livros didáticos não segue exatamente a ordem expressa de suas páginas. Não estamos sugerindo que a leitura e o uso pedagógico da obra se realizam de maneira sequencial ou encadeada. O investimento nessa análise é sustentado, contudo, pelo suposto de que há apostas, por parte das Editoras, de

quais são os elementos mais visíveis, mais facilmente disponíveis aos docentes (num primeiro plano, os que escolhem as obras no processo do PNLD), e que se oferecem com maior rapidez e poder de atratividade àqueles que obtiverem um primeiro contato com a obra. Assim, supõe-se diferentes destinatários também para o livro didático, sendo, no atual contexto, os avaliadores do PNLD e os docentes os destinatários prioritários no âmbito do processo avaliativo. Os estudantes são destinatários centrais das obras sob crivo dos dois primeiros sujeitos envolvidos. Assim, o que se considera na análise aqui empreendida leva em conta esse cruzamento de destinação das obras, mas tem por foco prioritariamente os docentes, que são aqueles que elegem as obras num processo posterior à avaliação e para os quais são elaboradas algumas estratégias particulares de convite à leitura e à escolha da obra didática regional.

### ***Os sumários – índices de leitura***

Os sumários são índices importantes, que, aliando o texto escrito com demais elementos gráficos, estruturam o conteúdo abordado em informações visuais que possibilitem uma primeira apreensão deste por parte de seu leitor. Nesse sentido, os sumários dos livros didáticos podem ser considerados primeiro indício explícito das escolhas feitas pelos autores na organização do conhecimento histórico escolar, e das escalas através das quais estes se organizam. Assim, unidades e capítulos indicam os temas priorizados como fio condutor da narrativa histórica e, no caso dos livros regionais, sinalizam em especial para as relações e variações de escalas eleitas nesse contexto.

Sobre essa dinâmica estabelecida por uma dada seqüência – capítulos, unidades, títulos, subtítulos, número de páginas, imagens – incidem estilizações realizadas pelos profissionais do design gráfico, delineando a comunicação visual a partir desses elementos tanto no conjunto da página, quanto de forma separada. De acordo com MORAES (2010)

Todos os elementos e configurações materiais e plásticas presentes na simples página de texto certamente informam alguma coisa isoladamente, mas na verdade aparecem combinados e sua percepção se dá pela totalidade dos efeitos dessa combinação (MORAES, 2010, p. 34)

Essa composição visual antecipa assuntos, temas, provocam o leitor ao conhecimento do livro, criam expectativas. O sumário, aliás, além de apresentar uma visão panorâmica dos assuntos tratados, pode criar no leitor um motivo adicional para ir ao livro em qualquer uma de suas partes, instaurando um modo de leitura por consulta e não somente por leitura linear. Nem sempre os livros didáticos possuíram sumários. Eles têm maior destaque com o processo

de transformação dos livros no mercado editorial, adotando configurações mais contemporâneas. A própria inserção do Sumário num livro didático sugere que o estudante poderá folheá-lo, buscando informações ou assuntos independentemente de uma progressão ou sequência, ou pré-requisito, especialmente quando se trata do livro de História.

Portanto, a organização dos sumários diz não só da estrutura do texto didático, mas é em si uma informação a ser interpretada pelos leitores, revelando também as “intenções ideológicas e pedagógicas dos autores” (CHOPPIN, 2004, p. 559), que orientam os *sentidos da narrativa* que apresentam. Pode-se assim compreender os *sumários* como uma *página complexa*, na qual textos, imagens e outros elementos combinados ressaltam que

[...] seu caráter visual e sua leitura não é exclusivamente linguística. Como são grandes as possibilidades de combinação bem como a variedade e as características que pode ter cada elemento – desenho das letras, estilos das ilustrações e fotografias, uso de cores, organização espacial, etc. – a possibilidade de significados comunicados visualmente parece ser bem maior, e efetivamente o é. (...) Enfim, aqui também, conteúdos são transmitidos antes da leitura propriamente linguística. (MORAES, p.34)

A análise dos sumários dos livros de Minas Gerais recaiu então sobre essa complexidade da comunicação visual que, perpassada pelas técnicas do design gráfico, organiza os conteúdos e destaca elementos no intuito de orientação e convencimento dos seus leitores<sup>7</sup>. Nesse sentido as imagens, os títulos, a disposição dos elementos gráficos utilizados nos sumários são expressivas da ordem do discurso e dos sentidos da histórica que perpassam a obra didática. A composição visual resultante dos diversos elementos gráficos, determinando o que vem primeiro e o que vem em seqüência, o que se encontra em destaque, o que é utilizado como ilustração ou como pano de fundo, indica as concepções históricas em torno da abordagem regional que orientam o livro. O sumário, portanto, é elucidativo não apenas da organização do texto, mas também dos sentidos da narrativa e dos efeitos de sentido que se pretende criar.

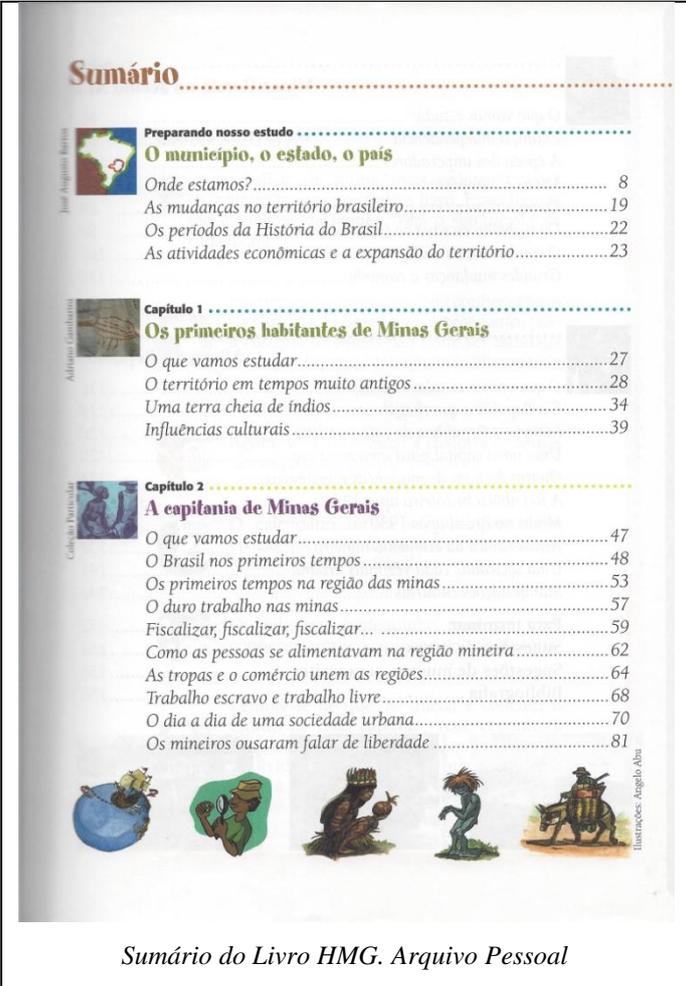
Merecem ainda especial atenção os títulos – dos capítulos, unidades, itens – que, por sua vez, também são componentes discursivos importantes, pois convidam o leitor ao estudo, estimulam, enunciam ou antecipam conteúdos, constituem sentidos à leitura e ao estudo, provocam questionamentos, que podem ser potencializados a partir de determinados recursos gráficos.

---

<sup>7</sup> Não desconsideramos aqui a autonomia do leitor no processo de leitura, certas de que por fim é ele que, a partir de suas experiências socioculturais confere sentido ao texto e organiza as formas de interpretá-lo. No entanto, coo o foco dessa análise recai sobre o texto, seus aspectos gráficos e estruturais, não iremos problematizar essa dimensão no contexto dessa pesquisa.

Para demonstrar esse *movimento de análise*, apresento a seguir uma página do sumário de cada um dos referidos livros, detendo-me em análises mais gerais sobre a articulação de seus aspectos gráficos em um *jogo de escalas* para definição dos contornos regionais da História de Minas Gerais.

Abaixo, a imagem da primeira página do sumário do livro *História de Minas Gerais*



The image shows the table of contents of the book 'História de Minas Gerais'. It is organized into sections with icons and sub-sections. At the bottom, there are five small illustrations: a globe, a person with a magnifying glass, a person with a staff, a person with a staff, and a person on a horse.

Sumário	
<b>Preparando nosso estudo</b>	
<b>O município, o estado, o país</b>	
Onde estamos?.....	8
As mudanças no território brasileiro.....	19
Os períodos da História do Brasil.....	22
As atividades econômicas e a expansão do território.....	23
<b>Capítulo 1</b>	
<b>Os primeiros habitantes de Minas Gerais</b>	
O que vamos estudar.....	27
O território em tempos muito antigos.....	28
Uma terra cheia de índios.....	34
Influências culturais.....	39
<b>Capítulo 2</b>	
<b>A capitania de Minas Gerais</b>	
O que vamos estudar.....	47
O Brasil nos primeiros tempos.....	48
Os primeiros tempos na região das minas.....	53
O duro trabalho nas minas.....	57
Fiscalizar, fiscalizar, fiscalizar.....	59
Como as pessoas se alimentavam na região mineira.....	62
As tropas e o comércio unem as regiões.....	64
Trabalho escravo e trabalho livre.....	68
O dia a dia de uma sociedade urbana.....	70
Os mineiros ousaram falar de liberdade.....	81

Sumário do Livro HMG. Arquivo Pessoal

O livro *História de Minas Gerais* apresenta um sumário organizado de forma concisa. São quatro capítulos antecidos por uma introdução, que se desdobram em itens, cujo número varia conforme cada parte. A partir da leitura visual poderíamos considerar todas as partes do livro como capítulos, pois os elementos gráficos que os organizam são os mesmos: Ícones-imagens; títulos e itens, cada um em uma forma tipográfica distinta; tabulações que, além de ligar os itens às respectivas páginas, também dividem as partes nas quais se organizam o livro. A comunicação visual organiza assim a informação no que se pode denominar conjuntos temáticos, relacionados à periodização histórica brasileira a partir da qual a História de Minas Gerais é abordada.

No entanto, ajustando o foco de análise para os títulos percebe-se que há uma diferenciação entre o primeiro conjunto temático e os demais. Este tem a função de *introdução*, sendo denominado *Preparando o nosso estudo*, enquanto os demais são nomeados – *Capítulo 1, 2, 3 e 4*. Além disso, todos os capítulos são iniciados com o item *O que vamos estudar*, o que não observamos nesse primeiro conjunto. Essa diferenciação aponta para a escolha desta narrativa histórica em oferecer alguns elementos introdutórios que, *a priori*, devem potencializar a compreensão dos alunos sobre a abordagem regional que segue. Essa parte introdutória, cujo subtítulo é *O município, o estado, o país*, tem como ícone-referência uma mapa com o contorno do Brasil dentro do qual se destaca o contorno de Minas Gerais. Título e imagem indicam assim o ajuste de foco desta introdução, que recai sobre a contextualização do estado e seus municípios em relação ao espaço geográfico brasileiro e aos períodos da História do Brasil. Nesse sentido, o texto didático é organizado a partir dos seguintes itens: *Onde estamos?; As mudanças no território brasileiro; Os períodos da História do Brasil; As atividades econômicas e a expansão do território*. Itens que indicam a relação de escalas que perpassa a obra didática, na qual o Brasil se constitui referência nas dimensões de sua história, território e economia, que orientam os sentidos da narrativa sobre Minas Gerais.

A primeira página do sumário é composta ainda pelos capítulos 1 e 2, cujos títulos são *Os primeiros habitantes de Minas gerais* e *A capitania de Minas Gerais*, respectivamente. Comparado aos demais, o capítulo 1 é o menor do livro. Tanto em número de itens quanto em número de páginas. Ainda assim a presença desse capítulo é significativa, pois indica um reconhecimento da chamada pré-história como parte da história de Minas Gerais, em diálogo com renovações historiográficas recentes.

Além do item *O que vamos estudar*, comum a todos os capítulos, outros três compõem o capítulo 1: *O território em tempos muito antigos; Uma terra cheia de índios; Influências culturais*. Se a referência a Minas Gerais aparece no título capítulo, não se observa o mesmo nos demais itens, elaborados em uma escala genérica, na qual sobressaem como referência o território, os índios, a cultura. Outro aspecto interessante é a ênfase do primeiro item em localizar esse período histórico *em tempos muito antigos*, demarcando *a priori* o afastamento entre esse passado e o passado que em será abordado em seguida. *Passados* em *escalas* diferenciadas.

O título do capítulo 2, *A capitania de Minas Gerais*, indica um salto histórico entre *passados* na narrativa do livro didático. Aterrissa-se assim que no período conhecido como

Brasil Colônia, ajustando-se o foco sobre a organização político-administrativa da região de Minas Gerais. Se por um lado o capítulo 1 reconhece uma história de Minas Gerais em *tempos muito antigos*, por outro, se desloca deste para um passado datado no século XVII, deixando um vácuo histórico de séculos e séculos, que diz inclusive das escolhas e silenciamentos para se contar a história de Minas Gerais.

A estruturação gráfica deste sumário permite dizer que o livro *História de Minas Gerais* elabora sua narrativa num movimento de delimitação das fronteiras do regional – territoriais e simbólicas – regularmente amparado na contextualização da História do Brasil. Destaca-se assim um movimento que é *relacional e linear*, aproximando-se talvez da compreensão mais tradicional do que venha a ser o *jogo de escalas*, ou seja, essa compreensão dos contextos a partir das relações que se estabelecem entre um recorte *micro* e *macro*.

A seguir a imagem da primeira parte do sumário do livro *Minas Gerais – História*:



Sumário	
<b>Unidade I Minas Gerais</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo 1 – Os mineiros e sua terra</b>	<b>12</b>
Os mineiros	14
A terra dos mineiros	15
Um jeito de ser e de viver	16
Gente e coisas de Minas – Receita de mineiridade	17
<b>Capítulo 2 – Brasileiros de Minas Gerais</b>	<b>19</b>
A população mineira	19
Mulheres e homens, crianças, jovens e idosos	21
Cidadãos brasileiros	22
Gente e coisas de Minas – Vida de menino, vida de poeta	24
<b>Capítulo 3 – Um estado brasileiro</b>	<b>25</b>
Minas no Brasil	26
Minas no Sudeste	27
O país, o estado e os municípios	28
Gente e coisas de Minas – O grande rio brasileiro	30
<b>Capítulo 4 – Minas e o Brasil</b>	<b>31</b>
Histórias cruzadas	32
Uma história que começou mais tarde	32
O conhecimento histórico	34
Gente e coisas de Minas – Doces memórias	36

Sumário do livro MGH. Arquivo Pessoal.

A composição visual do livro *Minas Gerais – História* destaca-se pela conjugação entre elementos gráficos, organização das unidades e utilização de imagens, constituindo

páginas complexas no intuito de informar os leitores sobre o conteúdo abordado pelo livro. Cada um das quatro unidades que compõe o livro é dividida em outros quatro capítulos, com um número mais ou menos equivalente de itens, sendo que um deles, intitulado *Gente e coisas de Minas*, repete-se em todos eles. Cada um desses conjuntos – unidade, capítulos, itens – compõe, junto com uma imagem de fundo, uma página do sumário. Esta obra não aborda a Pré-História de Minas Gerais, o que dá indícios, por um lado, de algumas dissonâncias que ainda existem com relação à temática, em muito relacionada a pouca importância desse período histórico nos currículos oficiais dos diferentes níveis de ensino. E por outro, do ajuste de foco escolhido pelos autores para elaborar a História de Minas Gerais, num movimento de aproximação do contexto regional e então de diálogo com a história nacional.

Como discutimos anteriormente, o ajuste do foco permite o desdobramento em escalas distintas. Nesse sentido, a Unidade 1 deste livro, cujo foco é *Minas Gerais*, revela um movimento de escalas que coloca em *jogo* fronteiras políticas, geográficas, históricas e identitárias no intuito de introdução e contextualização dessa história regional. Interessante que esta Unidade aborda temáticas semelhantes às da parte introdutória do livro *História de Minas Gerais*, mas com outro foco e outros ajustes de escala.

O item *Gente e Coisas de Minas*, que finaliza todos os capítulos do livro, é uma escala à parte que se destaca inclusive na diagramação do texto do sumário. Em tipografia distinta ele sobressai dos demais itens, indicando seu caráter diferencial. Ele convida o leitor para si, num apelo ao universo íntimo do mesmo. Estratégia própria do design gráfico, como discutido anteriormente, e aplicada nesse contexto do sumário apelando para essa vinculação emocional do mineiro com sua terra, suas coisas. Os textos eleitos para essa vinculação, nessa unidade, são: *Receita de mineiridade; Vida de menino, vida de poeta; O grande rio brasileiro; Doces memórias*. Certamente uma análise só sobre esses textos seria fonte de ricas reflexões sobre a questão identitária em Minas Gerais e as representações das mesmas nos livros didáticos.

No geral, a análise do sumário do livro *Minas Gerais – História* indica um movimento que privilegia o diálogo entre escalas do *passado-presente*, com a utilização de títulos e imagens que convidam a esse movimento reflexivo. Outro indicio é o ajuste de foco sobre o recorte regional, considerando dinâmicas *intra* Minas e *inter* Minas, mas num movimento que indica o estado como centro da narrativa.

### **Considerações Finais**

Apresentei aqui apenas uma pequena parte das análises que compõem minha dissertação de mestrado, no intuito de fundamentar uma proposta de leitura do texto didático a partir de seus aspectos gráficos e estruturais. Esse *movimento* permite problematizar como os autores organizaram o conhecimento histórico escolar regional, em perspectivas variadas. Ao ajustar o foco de análise sobre o *design instrucional*, é possível perceber indícios das escolhas de padrões visuais e textuais que informam não só o conteúdo do texto, mas também os *efeitos de conhecimento* dos quais ele é potente. A análise das *conformações visuais* que, adaptadas ao papel de mediador do livro didático *complementam, interpretam ou traduzem as informações (...) do texto propriamente dito* (MORAES, 2010, p. 30), indicam assim caminhos alternativos para a compreensão dos *jogos de escalas* e dos *efeitos de conhecimento* na dinâmica constitutiva do saber histórico escolar, mediado pelos livros didáticos, especialmente os regionais.

### **Documentos**

BRASIL. Ministério da Educação. **Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD**. Publicados em 2002, 2005, 2008, 2011 e 2014 - Referentes aos anos PNLDs 2004, 2007, 2010, 2013 e 2016, respectivamente.

### **LIVROS DIDÁTICOS**

CAMPOS, Helena Guimarães; FARIA, Ricardo de Moura. **História de Minas Gerais**. 3ª. Ed. São Paulo: Saraiva, 2011. (HMG)

ASSIS, Eliany; OLIVEIRA, José Anésio. **Contos e Encantos Mineiros**. 3ª. Ed. Curitiba, PR: Base Editorial, 2011. (CEM)

TEIXEIRA, Francisco M. P. **História Minas Gerais: História Regional**. São Paulo: Ática, 2011. (MGH).

### **Referências**

ALBURQUERQUE Jr., Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

BECHLER, Rosiane Ribeiro. **Minas Gerais em jogos de escalas: variações do conhecimento histórico escolar em livros didáticos regionais**. Dissertação de Mestrado. FAE/UFMG: Belo Horizonte, maio de 2014. Orientadora: Profa. Dra. Junia Sales Pereira.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2011

CARDOSO, Rafael. O início do design de livros no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960**. Editora Cosac Naify, 2005.

CHERVEL, Andre. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n. 2, 1990.

CHOPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. **Revista História da Educação**. Pelotas (11), Abril, 2002.

\_\_\_\_\_. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**. Revista de educação da USP. São Paulo, v. 30, p. 549-566, set/dez. 2004.

KAZUMI, Munakata. Livro didático: produção e leituras In: ABREU, Márcia (Org). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado das Letras/Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999. p.577-594

\_\_\_\_\_. O livro didático como mercadoria. **Pro-Posições**, v. 23, n. 3 (69), p. 51-66, set./dez. 2012

p.123-144 – 2004

\_\_\_\_\_; BEZERRA, Holien. Em busca da qualidade: PNLD História. In: SPOSITO, Maria da Encarnação (org). **Livro didático de Geografia e História. Avaliação e Pesquisa**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

MIRANDA, Sonia Regina. **Sob o signo da memória: cultura escolar, saberes docentes e história ensinada**. Unesp, 2007. (Tese de Doutorado)

MORAES, Didier Dominique Cerqueira Dias de. **Visualidade do livro didático no Brasil: o design de capas e sua renovação nas décadas de 1970 e 1980**. São Paulo: USP, 2010. (Dissertação Mestrado)

PALHARES, Leonardo Machado. **Entre o verdadeiro histórico e a imaginação criadora: ilustrações sobre história e cultura dos povos indígenas em livros didáticos de História**. UFMG/FaE, 2012. (Dissertação)

REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da micro-análise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain Fraçois. Ed. Unicamp, 2008.